

SACERDOTES
para o terceiro
milênio

Copyright © 2024 Quadrante Editora

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Llano Cifuentes, Rafael

Sacerdotes para o terceiro milênio / Rafael Llano

Cifuentes — 1ª ed. — São Paulo: Quadrante Editora, 2024.

ISBN: 978-85-7465-682-3

1. Sacerdócio – Ensino bíblico 2. Sacerdotes 3. Sacerdotes – Conduta de vida 4. Psicologia 5. Vocação – Cristianismo 6. Vocação sacerdotal – Psicologia I. Título

CDD—248.89

Índices para catálogo sistemático:

1. Vocação sacerdotal : Cristianismo 248.89

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br



SACERDOTES
para o terceiro
milênio

RAFAEL
LLANO
CIFUENTES



QUADRANTE

SUMÁRIO

1	PERFIL DO SACERDOTE	7
2	SANTIDADE SACERDOTAL	27
3	O AMOR: A PAIXÃO DO SACERDOTE	49
4	A DECADÊNCIA DO AMOR E A MATURIDADE AFETIVA	83
5	OUTROS CRISTOS: <i>A PERSONALIDADE INTEGRAL DO PRESBÍTERO</i>	123
6	A LIBERDADE DO PRESBÍTERO: A POBREZA	133
7	A AUTENTICIDADE DO PRESBÍTERO: A HUMILDADE	151
8	A FORÇA DO PRESBÍTERO: A OBEDIÊNCIA	171

9

O DISTINTIVO PECULIAR DO PRESBÍTERO: O AMOR	185
--	-----

10

A ESPIRITUALIDADE DO PRESBÍTERO: VIDA DE ORAÇÃO	233
--	-----

11

O BOM PASTOR	267
--------------	-----

12

COORDENADAS FUNDAMENTAIS DA AÇÃO PASTORAL PARA O TERCEIRO MILÊNIO	293
---	-----

BIBLIOGRAFIA	343
--------------	-----

PERFIL DO SACERDOTE

Quem sou eu?

Nós vivemos excessivamente familiarizados com a nossa própria vida. Ela foi, pouco a pouco, evoluindo, integrando-se, desde a infância até o momento atual; em cada ano algo ia incorporando-se sem sobressaltos, sem impetuosas estridências ou abalos... Fomos crescendo... e um dia entramos no seminário... Cada um tem a sua história pessoal. Impossível de ser reduzida a um esquema único. Veio, depois, o grande momento da ordenação. Os nossos sonhos se concretizaram. Os primeiros encargos pastorais... Talvez a primeira paróquia... Alegrias... Contradições... Crescimentos... Recuos...

É a nossa vida. Aceitamo-na como ela é, sem talvez nos aprofundarmos demasiado nela...

Vamos vivendo o nosso sacerdócio no dia a dia, provavelmente sem grandes tristezas, sem grandes alegrias... Mas é necessário que em alguma ocasião submetamos essa vida a uma análise mais radical: por que estou aqui? Qual é a última razão do fato de ser padre? No fim das contas, quem sou eu? O que define a minha identidade?

Pode-se pensar que esses questionamentos não seriam necessários. No fim das contas, tudo está correndo em paz... “Para que suscitar todos esses problemas?”,

poderíamos perguntar. E também poderíamos responder: porque eles são como um teste de segurança nos pilares que sustentam a nossa vida.

Lembro que um dia, no meio de um dos corredores da Universidade de Salamanca — cursava eu o segundo ano de Direito —, um amigo aproximou-se para me dizer:

Hoje estou sentindo-me muito estranho, muito esquisito. Não sei o que está acontecendo comigo, parece que já não me conheço. Quando, hoje de manhã, olhei para o espelho, não sabia muito bem quem era aquele “cara” que estava olhando para mim. Talvez fosse a primeira vez que tomei consciência da minha existência pessoal. Sim, faz alguns anos que comecei a pensar na mesma razão pela qual o cachorro, lá no meu quintal, começou a latir ou a lamber uma latinha de leite. Mas desconheço o significado desse meu modo de existir. A existência me agarrou sem pedir licença; jogou-me num mundo estranho, como se me jogasse no meio de um palco de teatro sem indicar que papel devo desempenhar. E estou sentindo-me, pela primeira vez, angustiado. O que estou fazendo da vida? Que estou fazendo na universidade?

Alguma vez, de repente, poderíamos surpreender-nos, pensando: o que estou fazendo nesta paróquia? Qual é a finalidade última desta reunião pastoral, desta homilia com a qual estou tão preocupado? Por que fico tão ansioso quando está em perigo meu prestígio como presbítero? Por que fiquei tão deprimido quando numa ocasião o bispo fez-me uma advertência um tanto dura...?

Às vezes, vem uma contradição; uma expectativa que não se concretiza; uma decisão da autoridade que

não leva em consideração as nossas possibilidades; um acontecimento que desvaloriza nossa personalidade ou a posição que ocupamos no contexto da diocese... E se produz um estremecimento, um abalo. Essas circunstâncias podem ser inúmeras: um colega de ordenação ganha um posto ou uma paróquia bem melhor do que a destinada para nós; a comunidade entra em desacordo sobre algumas medidas que nós determinamos adotar; um grupo jovem contesta nossa atuação ou se revolta por uma indicação; o conselho paroquial discorda da nossa opinião; a comunidade não corresponde a nossas expectativas na construção de uma dependência paroquial ou de uma capela; crescem as “fofocas” em relação à administração do dízimo e dos ingressos paroquiais; surgem as críticas sobre o nosso relacionamento com as moças ou com uma pessoa em particular; o bispo decidiu transferir-nos para outra paróquia quando estávamos muito bem situados na presente; ficamos impressionados pela atenção preferencial que nos dispensa uma moça bonita; algum padre mais novo e menos dotado passou na nossa frente na “carreira eclesiástica”... E começam a aparecer rachaduras nos nossos alicerces, ficamos desanimados e deprimidos ou nos sentimos despencar no vazio, como o meu colega universitário...

Por quê? Porque os nossos fundamentos eram pouco sólidos. Estávamos à procura de êxitos ou da elevação a outro cargo superior. Expectativas demasiadamente humanas que, quando frustradas, nos levam ao desânimo e à depressão. Equiparávamos o nosso nobre estado sacerdotal a outra profissão qualquer, excessivamente dependente de promoções, num carreirismo semelhante ao que se procura em outras

situações sociais... Vivíamos numa autossuficiência muito natural, mas pouco sobrenatural. Girávamos em torno do “eu” com um egocentrismo que muito se parecia com o egocentrismo do mais comum dos mortais...

É por isso que necessitamos mergulhar no último *porquê* da nossa existência, na última razão de ser do nosso sacerdócio.

No ambiente destas reflexões vêm à minha memória aquelas palavras de Isaías: “*Ante mundi constitutionem ego vocavi te nomine tuo*” (Is 49, 1). Aí está a razão de ser da nossa existência: fomos chamados antes da constituição do mundo. Deus nos diz: “Eu te chamei pelo teu nome. Tu és meu”. Aí está o sentido, a estrela do nosso destino. Ele criou-nos para cumprir uma missão. A eleição precede a nossa existência. Mais ainda, determina a nossa existência. Não nos escolheu porque tínhamos determinadas virtudes. Ao contrário, concedeu-nos determinadas virtudes para cumprirmos a missão que nos queria conferir. Assim foi para Maria: fez aquela mulher maravilhosa, imaculada no corpo e na alma, belíssima e perfeita, porque haveria de ser a sua Mãe. A vocação é a razão de ser da nossa vida. Não é *um estado de ânimo* — “sinto-me realizado, não me sinto realizado...” —; é um vínculo superior e indissolúvel que confere um *status* a toda a nossa existência. Não partiu de nós, mas dele: “Não fostes vós os que me escolhesteis, mas fui eu que vos escolhi” (Jo 15, 16). E São Paulo acrescenta: “Os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (Rm 11, 9). A vocação é algo *constitutivo*, que transforma essencialmente a nossa vida, como mudou o nome de Simão para Pedro, pedra fundamental da Igreja.

O sacerdote mendigo

Um programa de televisão, nos Estados Unidos (EWTN), ressaltou um episódio pouco conhecido da vida de João Paulo II. Um sacerdote norte-americano da Diocese de Nova York dispusera-se a rezar numa das paróquias de Roma quando, ao entrar, encontrou-se com um mendigo. Pareceu-lhe uma pessoa conhecida. Depois de observá-lo atentamente, percebeu que aquele era um contemporâneo seu, do seminário, que recebeu o presbiterado no mesmo dia em que ele se ordenou. E agora mendigava pelas ruas... Que coisa estranha e estarrecedora...

O sacerdote, ao identificar-se e saudar o mendigo, veio a saber dos lábios dele como havia perdido sua fé e sua vocação. Ficou profundamente estremecido.

No dia seguinte, aquele padre chegado de Nova York teve a oportunidade de participar da missa privada do Papa, fato que lhe permitiu saudá-lo ao final da celebração. Ao chegar a sua vez, sentiu o impulso de ajoelhar-se diante do Santo Padre e de pedir que rezasse por seu antigo companheiro de seminário, e descreveu brevemente a situação em que ele se encontrava.

No dia seguinte o padre americano recebeu do Vaticano o convite para jantar com o Papa, solicitando que levasse consigo o padre que mendigava pelas ruas. Conseguiu convencer o colega e forneceu-lhe a roupa necessária para comparecer dignamente ao jantar.

No jantar, João Paulo II convidou o padre mendigo para que se sentasse na cadeira em que o Santo Padre costumava sentar-se. O pobre homem resistiu ao máximo, mas o Papa fez absolutamente questão. Depois do jantar, o Papa solicitou ficar a sós com ele

e pediu-lhe que escutasse a sua confissão. O homem, impressionado, respondeu que já não era sacerdote. O Papa retrucou com força: “*Sacerdos in aeternum!*” (Uma vez sacerdote, sacerdote sempre). “Mas eu não tenho licenças ministeriais para confessar...”, insistiu o mendigo. “Eu sou o Bispo de Roma e essas licenças estão sendo-lhe concedidas neste momento.”

O homem escutou a confissão do Santo Padre e lhe pediu, por sua vez, que escutasse a sua própria confissão. Depois dela, chorou amargamente. Não parava de soluçar. João Paulo, comovido também, abraçou-o com extremo carinho e o designou assistente do pároco da mesma paróquia em que ele estava mendigando. Hoje, é um presbítero no sentido cabal da palavra.

Seja qual for a veracidade desse episódio, em todo caso, apresenta-se para nós como uma verdadeira *parábola*. O sacerdócio não se perde nunca. O Sacramento da Ordem outorga *caráter*. O *caráter* — na sua raiz grega — significa a marca indelével que se colocava nas pedras para marcar a fronteira de dois países. A nossa vocação está esculpida, como na rocha, no mais fundo do nosso ser, e marca a nossa identidade de forma indestrutível.

Tive já a experiência de orientar espiritualmente algumas esposas de sacerdotes que tinham abandonado sua vocação. Elas sentem que eles são *diferentes*. Uma delas dizia-me: “Não consigo chegar ao âmago da sua personalidade. Parece que, lá no íntimo, bato em uma barreira intransponível. E tenho a impressão de que essa barreira é o sacerdócio que está escondido no mais profundo dele”.

O sacerdócio está gravado, de forma indissolúvel, no nosso ser. E parece que nos grita: “*Sacerdos in aeternum!*”.

Podemos ficar desanimados; podemos sentir-nos profundamente abalados ou, ao menos, decepcionados com nossos irmãos sacerdotes, com um dos nossos superiores, com a nossa comunidade, com nós mesmos... Podemos perder toda motivação ou ficar fortemente atraídos por uma mulher... Nesse momento delicado, temos de descer até as nossas raízes mais íntimas e encontrar força no chamado divino pessoal:

O Senhor escolheu-me a mim, pessoalmente, antes da constituição do mundo. Sou sacerdote para sempre! O meu sacerdócio representa a dignidade maior a que um ser humano pode ser elevado. Eu tenho a condição do filho do Rei; tenho a mesma dignidade radical que tem o Santo Padre; posso sentar-me na sua própria sede Papal... Estou acima dos anjos. Maria Santíssima trouxe para a Terra o Filho de Deus uma vez na história. Eu, com a força da minha palavra sacerdotal, posso trazê-lo todos os dias na Santa Missa...

É dessa raiz que tiramos nossa força. Agarremo-nos à vocação como a criança se agarra à mãe; o naufrago à sua tábua de salvação... Melhor: deixemos que a vocação se agarre a nós, possua-nos e embebede-nos como o Espírito Santo deixou ébrios de amor os apóstolos, no dia de Pentecostes.

Insistimos: a vocação não é *um estado de ânimo*, é algo *objetivo*; estabelece um *vínculo constitutivo* entre nós e Deus, entre nós e o nosso destino eterno, entre o nosso desejo de sermos felizes e o caminho para consegui-lo.

Quando sentirmos uma tentação contra a vocação, não devemos ficar curvados introspectivamente, perguntando-nos: “Estou sentindo-me feliz? Será que vou realizar-me como homem? Será que tenho capacidade

para perseverar? Será que tenho vocação?”. Não! O nosso modo de pensar deve ser diametralmente oposto: é porque tenho vocação, precisamente por isso que Deus vai dar-me as graças necessárias para perseverar e ser feliz.

Ao nos sentirmos fracos, em vez de nos afastarmos do sentido da nossa vocação, devemos refugiarmo-nos nela, como o guerreiro detrás do seu escudo: a vocação nos protege diante dos dardos do inimigo; a vocação garante a nossa vitória: Deus dá sempre as graças necessárias para o perfeito cumprimento da missão que nos confia...

Talvez se pense que são duras determinadas renúncias; que é doloroso dilatar os campos da alma para os grandes amores, mas posso assegurar que é muito mais duro ter de ruminar durante a vida inteira a frustração de uma vocação divina não correspondida. É que, como disse Kerkhoven, uma das personagens mais características de Wassermann, “precipitar-se fora do sentido da vida pessoal é como o pecado dos pecados. Quando um homem não encarna a vida que ele representa no plano da criação, é como um relógio desprovido de ponteiros. Não indica a hora, está sem direção”.¹

Ser fiel à vocação pessoal é tudo na vida:

A vocação acende uma luz que nos faz reconhecer o sentido de nossa existência. É convencer-se do porquê de nossa realidade terrena. Nossa vida, a presente, a passada e a que virá, adquire um relevo novo, uma profundidade que antes não suspeitávamos. Todos os sucessos e acontecimentos ocupam agora seu verdadeiro

1 Cf. Jakob Wassermann. *Etzel Andergast*. Buenos Aires, 1946.

lugar: entendemos onde quer conduzir-nos o Senhor e nos sentimos como que arrastados por uma avalanche, por esse encargo que nos confia²

A força da vocação

Não podemos imaginar, se não o experimentarmos, a mudança que se pode operar em nossa personalidade quando nos deixamos possuir, até a medula, pelo imperativo da missão sacerdotal que nos foi confiada. É como se a mais forte motivação nos empurrasse; como se, de lá, do nosso futuro, partisse um braço de ferro que nos levantasse de todos os desânimos: sentimo-nos como se fôssemos arrastados por uma *avalanche de força impetuosa*³ para superar o último obstáculo e vencer nossa última batalha.

Nietzsche escrevia: “Quem dispõe de um *porquê* é capaz de suportar qualquer *como*”. Diria que este pensamento, que tão a fundo explica a realidade do comportamento humano, é válido especialmente quando se tem consciência de que o *porquê* coincide com o impressionante desígnio de Deus sobre cada um de nós ao nos escolher para o sacerdócio. Então, sabe-se suportar qualquer *como*, qualquer forma sob a qual se encobre a vontade de Deus, ainda que seja esta a segura espiritual e a monotonia dos dias iguais; as cargas do trabalho; as contrariedades e as dores; as incompreensões; a atração de outros amores; a falta de valorização das nossas qualidades ou do nosso trabalho pastoral; a dureza ou frieza dos nossos superiores...

2 São Josemaria Escrivá. *É Cristo que passa*. Editora Quadrante, São Paulo, 2018, p. 84, n. 45.

3 São Josemaria Escrivá. *Op. cit.*

Quando alguém, apesar de todos os sacrifícios, dispõe-se a assumir o seu destino sacerdotal, a missão a cumprir gozosamente o arrasta. A vocação o chama, primeiro na alma, em forma de exigência; depois, propulsiona-o para frente com a força de um guindaste, com o ardor do ideal e, no fim, outorga-lhe a jubilosa certeza de que está caminhando na direção da sua plenitude completa.

Quando ouvimos em nossa alma aquele grito de São Paulo: *“Hora est iam nos de somno surgere!”* (Rm 13, 11) — já é hora de levantarmos de nossa inércia! — quando Deus nos chama para algo muito maior do que possa desejar o nosso egoísmo e, sentindo a natural indolência, o medo do desconhecido e a aversão à renúncia, somos capazes, ainda assim, de superar tudo isso e levantamos o voo nas asas da nossa vocação sacerdotal, que termina protegendo-nos como uma couraça. Nela encontramos sossego, novos motivos de luta; nela se renova nosso ânimo e até parece que nos agigantamos ante os obstáculos e nos alargamos no meio das dificuldades como as pupilas que se dilatam na escuridão da noite. É assim que impedimos que os espectros do desalento encontrem seu refúgio em nosso peito.

O importante é que, quando chegarem os desânimos e os quebramos, exista algo muito superior a qualquer carga, sofrimento ou *pena*; algo que nos diga lá no fundo: todos esses trabalhos, labutas e dificuldades sofridos por esse ideal realmente *valem a pena, mil vezes valem a pena*.

É impressionante ver um homem como São Paulo. Depois de sua decisão — tomada em Damasco —, não houve nada que pudesse detê-lo. Foi perseguido, caluniado, apedrejado e, todavia, seguro, constante. Mais

ainda, vibrante: “*Superabundo in gaudio in omni tribulatione nostra*” (2 Cor 7, 4). No meio de suas tribulações, sentia que a alegria, como um rio inflamado pelo temporal, transbordava em seu coração... Existia nele uma força sobre-humana. É a força da vocação. É a energia da *graça vocacional*; da ajuda com que Deus acompanha nosso empenho em cumprir a missão por Ele a nós confiada. Uma força que renova o ânimo em meio às naturais depressões e debilidades de nossa condição humana. Segundo as palavras de Cristo: “Minha força, meu alimento é fazer a vontade de meu Pai” (cf. Jo 4, 34).

A consciência da nossa missão sacerdotal arranca energia das próprias raízes de nosso ser e nos impulsiona ao nosso último destino. Ela nos faz retroceder até a origem de nossos dias e, recolhendo toda a força vital de nossa existência — herança, sangue, sonhos jovens, recordações animadoras, experiências e conhecimentos, fecundos desejos, paixões e entusiasmos —, lança-nos ao futuro, para a plenitude de nosso ser.

Em sentido contrário, diríamos que os homens sem consciência de vocação são homens de futuros mortos. Essa dimensão do homem, que o arrasta a crescer, a progredir, a “ser mais”, está apagada neles. O futuro está mudo. Não os chama. Não existe para eles um incentivo fora da realidade opaca do dia a dia. Não há motivação. Um homem assim é, enquanto não muda, um *caso perdido*.

Quem está entregue a si mesmo e não à sua missão é um homem à deriva: ai daquele que não se sentir *convocado*! Ai daquele que não tiver encontrado ainda essa nobre paixão pela qual vale a pena lutar e vale a pena morrer! Ai daquele que, depois de encontrá-la,

a perder! Agarrar-se-á à primeira satisfação que tiver à mão, ao fogo de uma paixão doentia, a uma parcela de poder, ao dinheiro, a uma vaidade passageira, a um prazer leviano, à bebida, à droga, a uma caótica vida boêmia... — e terminará dissolvendo-se na sua própria corrosão. Aquele que procura só a si mesmo termina por asfixiar-se dentro de si mesmo.

A identidade sacerdotal

Paulo VI, em audiência concedida a mais de 500 sacerdotes da diocese de Roma, referiu-se ao problema da identidade sacerdotal, abordando-o da forma mais direta e clara que poderia ser encontrada em seu rico magistério:

O problema da identidade sacerdotal caiu como um penhasco sobre a consciência sacerdotal contemporânea, oprimindo-a e esmagando-a, em alguns, com uma pergunta elementar e terrível: quem sou eu? Essa radicalidade da pergunta cria um tormento interior e representa, às vezes, o prelúdio das contestações mais duvidosas e mais tristes.

“Quem sou eu?”, podemos perguntar. E o Papa responde em nome de Cristo: “*Tuus sum ego*” (Eu sou tu). “*Sacerdos alter Christus*” (O sacerdote é outro Cristo). Esta é a nossa suprema e verdadeira identidade.

Um processo de dessacralização invadiu a instituição sacerdotal com o fim de demolir sua consistência; uma mania de laicização tem arrancado os sinais externos do hábito sacro e tem arrancado do coração de alguns a sagrada reverência que se deve à própria pessoa, para

substituí-la por uma ostentosa vaidade do profano, às vezes, revestida com a audácia do descaramento e o comportamento ilícito. As motivações que levam a isso suscitam em nós certamente reverência e compaixão, mas nos proporcionam uma dor imensa⁴.

O Santo Padre recorda, comovido, a estes presbíteros:

O momento insubstituível em que se acendeu em cada um deles a vocação divina, com esta característica: “*tu es sacerdos in alternum*”: irrevogavelmente impressa nas entranhas da nossa personalidade, terrivelmente indelével e, às vezes, capaz de inefável revitalização⁵.

Esta identificação irrepetível entre Cristo e o sacerdote, delimitando a sua identidade, fica claramente desenhada na *Pastores dabo vobis*: “O Senhor estabelece uma estreita conexão entre o ministério confiado aos Apóstolos e a sua própria missão: ‘quem vos acolhe acolhe-me a mim, e quem me acolhe, acolhe aquele que me enviou’ (Mt 10,4)”⁶. “Portanto, os presbíteros são chamados a prolongar a presença de Cristo, o único e Sumo Pastor”⁷.

Ser outro Cristo

Promulgar a presença de Cristo! Ser outro Cristo, o mesmo Cristo, o filho de Deus vivo entre os homens! Será que existe no universo todo uma dignidade maior?

4 Paulo VI. *Revista Palabra*. Madri, março de 1978, p. 103.

5 *Ibidem*.

6 São João Paulo II. *Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis*, 25 de março de 1992, n. 14.

7 *Idem*, n. 15.

Olhando para o meu rosto, para as minhas mãos, para o meu corpo, tenho de sentir a presença de Cristo em mim. O meu porte, a minha compostura, a minha fala e o meu sorriso têm de ser iguais aos de Cristo no meio dos meus irmãos.

Eu não posso tomar qualquer atitude ou dizer qualquer palavra; tenho de tomar a atitude e formular a palavra que Cristo assumiria se tivesse o meu nome, se morasse na minha residência, se fosse o pastor da minha comunidade. Os franceses têm essa expressão característica: *noblesse oblige*, nobreza obriga! Podemos e devemos misturar-nos com o povo, sentar-nos no chão de um barraco, percorrer as vielas infectadas de uma favela, participar de um alegre encontro de jovens descontraídos, fazer esporte na praia... Mas devemos fazê-lo como Cristo o faria em tais circunstâncias: com essa dignidade e essa simples nobreza de um filho predileto do nosso Pai, Deus do universo, Senhor dos senhores, Rei dos reis.

João Paulo II, na homilia da missa de ordenação de sacerdotes no Maracanã, no Rio de Janeiro, em 1980, diz, nesse sentido, algo especialmente expressivo:

Jesus nos identifica de tal modo consigo no exercício dos poderes que nos conferiu que a nossa personalidade como que desaparece diante da Sua, já que é Ele quem age por meio de nós. “Pelo Sacramento da ordem”, disse alguém com justeza, “o sacerdote se torna efetivamente idôneo a emprestar a Jesus Nosso Senhor a voz, as mãos e todo o seu ser. É Jesus quem, na Santa Missa, com as palavras da consagração, muda a substância do pão e do vinho na do seu corpo e do seu sangue”⁸.

8 São Josemaria Escrivá. *Sacerdotes per l'eternità*, Milano, 1975, p. 30.

E podemos continuar. É o próprio Jesus quem, no sacramento da penitência, pronuncia a palavra autorizada e paterna: “Os teus pecados te são perdoados” (Mt 9, 2; Lc 5, 20; 7, 48; cf. Jo 20, 23). É Ele quem fala, quando o sacerdote, exercendo seu ministério em nome e no espírito da Igreja, anuncia a palavra de Deus. É o próprio Cristo quem tem cuidado dos enfermos, das crianças e dos pecadores, quando os envolve com o amor e a solicitude pastoral dos ministros sagrados. A expressão *sacerdos alter Christus*, “o sacerdote é um outro Cristo”, criada pela intuição do povo cristão, não é simples modo de dizer, uma metáfora, mas, sim, uma maravilhosa, surpreendente e consoladora realidade⁹.

Eu sou Cristo/Eu atuo, não apenas em nome, mas também na pessoa de Cristo, dentro do perfil da sua personalidade, olhando através das suas pupilas, sentindo nas próprias vísceras as sensações de Cristo, expressando com a minha boca os sentimentos de Cristo...

Fiquei extraordinariamente contente quando, no dia do enterro de João Paulo II, o cardeal francês, Philippe Barbarin, disse: “O que peço a Deus é que seja eleito um papa santo. O importante é que, ao olhar o seu rosto e ao ouvir a sua voz, possamos sentir que Cristo está entre nós”¹⁰.

Eu, como sacerdote, assim como o Papa, tenho de ser uma transparência de Cristo.

Às vezes, não reparamos bem no que dizemos. Quando atendemos uma confissão, ao dar a absolvição, dizemos: “Eu te absolvo em nome do Pai, do Filho e

9 São João Paulo II. *Homilia da Missa de Ordenação de Sacerdotes*. Maracanã, Rio de Janeiro, 2 de julho de 1980, n. 11 e 13.

10 Juan Arias, “Conclave pode eleger um santo”, in: *O Globo*, 9 de abril de 2005, p. 37.

do Espírito Santo”. Não dizemos “Cristo te absolve”... Não! Dizemos *eu te absolvo*. Porque *eu sou Cristo*, que levanta a sua mão cheia de misericórdia para perdoar, num gesto de benignidade, o meu irmão, a minha irmã, — que, humildemente, pedem perdão. E quando consagramos o pão, dizemos: “Isto é o meu corpo”. Não dizemos “isto é o corpo de Cristo”. Porque *eu sou Cristo*, que volta a pronunciar com os nossos lábios as palavras da última ceia dirigida aos seus discípulos — É algo extraordinário!

O Santo Padre Bento XVI faz nesse sentido umas considerações sobre as quais deveríamos meditar em profundidade: “O mistério do sacerdócio da Igreja encontra-se no fato de que nós, pobres seres humanos, em virtude do Sacramento, podemos falar com o seu Eu: *in persona Christi*. Além disso, recordemos que as nossas mãos foram ungidas com o óleo. O Senhor impôs as suas mãos sobre nós e agora quer as nossas mãos a fim de que, no mundo, se tornem suas. Deseja que elas transmitam o seu toque divino, colocando-se ao serviço do seu amor”¹¹.

Acreditai no poder do vosso sacerdócio! Em virtude do sacramento recebestes tudo o que sois. Quando pronunciais as palavras “eu” ou “meu” (“Eu te absolvo... Este é o meu Corpo...”), vós o fazeis não no vosso nome, mas no nome de Cristo, *in persona Christi*, que quer servir-se dos vossos lábios e das vossas mãos, do vosso espírito de sacrifício e do vosso talento. Quando as vossas mãos foram ungidas com óleo, sinal do Espírito Santo, elas foram destinadas a servir ao Senhor como as suas mãos no mundo de hoje. Elas não podem

11 Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-Feira Santa. Basilica de São Pedro, 13 de abril de 2006.

servir mais o egoísmo, mas devem transmitir ao mundo o testemunho do seu amor¹².

Eu desenvolvia conceitos semelhantes no retiro anual do clero de Curitiba em janeiro de 2003, e, no fim de uma meditação, um sacerdote já maduro, emocionado, quis conversar comigo para me dizer:

Nunca tinha tomado consciência da minha dignidade. *Eu sou outro Cristo, o próprio Cristo, de verdade!* Não apenas de nome, não apenas segundo a inveterada expressão *Sacerdos alter Christus*, mas na realidade sacramental de cada dia. Sinto-me pela primeira vez orgulhoso, santamente orgulhoso, de ser padre. Sou um privilegiado!

O alegre alvoroço desse nosso irmão, ao redescobrir a sua vocação sacerdotal, corre paralelo à redescoberta que fazem também os nossos fiéis da verdadeira significação do sacerdócio na figura do seu pároco.

Tenho recolhido, nesse sentido, muitos depoimentos. Transcrevo aqui apenas um deles que, pela sua beleza literária, poderia abranger muitos outros:

Um dia assisti a um batizado na paróquia: no centro, aquele pingo de gente, botão de rosa escura — Judite. Em volta, a família, a mãe, os padrinhos, algum curioso, a Igreja e o mundo. E atrás, de pé, o padre. Corria tudo como de costume, tudo muito repetido, muito sabido... quando, de repente — basta uma fresta de atenção diferente —, vi o padre moço, que tem cara de menino, transfigurado em sacerdote de Cristo. Com humildade de escravo e paramento de Rei, o padre estendeu a mão

12 Discurso do Papa Bento XVI no Encontro com os Sacerdotes e Religiosos. Catedral de Varsóvia, 25 de maio de 2006.

sobre a cabeça escura com um gesto de Deus. E então... e então... para mim ficou evidente, fulgurantemente evidente, que não há nada no céu, na terra e no fundo do mar mais belo do que um padre que abre para os homens as portas do Reino de Deus¹³.

Será que nós sabemos valorizar a nossa inigualável e radical dignidade, quando, às vezes, nos surpreendemos alimentando certos sentimentos de frustração e de inferioridade? Será que o fato de termos assumido a nobre condição de *sacerdote eterno* não tem suficiente força para levantar-nos, como um potente guinaste, das nossas depressões e dos nossos complexos?

Nós, sacerdotes, temos de pensar, com agradecimento — utilizo palavras de São Josemaria Escrivá — “nessa divinização até do nosso próprio corpo; nessa língua que veicula Deus; nessas mãos que o tocam; nesse poder de fazer milagres, ao administrar a graça. Nada valem as grandezas deste mundo em comparação com o que Deus tem confiado ao sacerdote”¹⁴.

Assumir plenamente essa nossa identidade — sermos *outros Cristos* —, voltar sempre a nossas raízes, é o que abre espaços à alegre exultação do sacerdote. O esforço da nossa luta consiste em ir conseguindo, pouco a pouco, fazer transparecer o rosto de Jesus no nosso semblante. A nossa vida espiritual tem de estar dirigida, toda ela, para conseguir estampar na tela da nossa existência o perfil extraordinariamente atrativo do Filho de Maria.

13 Gustavo Corção. *O assunto é padre*. Editora Agir, Rio de Janeiro, 1968, p. 83.

14 São Josemaria Escrivá. *Carta*. Roma 8 de agosto de 1956, cit. por Álvaro del Portillo. *Escritos sobre el Sacerdocio*. Editora Palabra, Madri, 1970, p. 56.

Em certa ocasião, uma pessoa, ao observar o comportamento de Dom Bosco, ao ouvir os seus ensinamentos, fez, em voz baixa, em tom de confiança, um comentário revelador: “Parece Nosso Senhor...”. Confesso que, quando li essa passagem da sua vida, senti uma forte interpelação interior: “Alguém poderá dizer isso de mim um dia?”.

Caríssimos irmãos, às vezes estamos esperando um elogio, um comentário de admiração, uma promoção pastoral, mas poderíamos perguntar: esperamos, principalmente, que alguém possa dizer de nós simplesmente: “pela sua disponibilidade, pelo seu espírito de sacrifício e de desprendimento, pelo grande amor que tem a seus fiéis, ele *parece Nosso Senhor*”?

Pode ser que também alguém possa comentar: ele é um grande pregador; um padre inteligente, atualizado, bom administrador, extremamente competente, simpático, amigo de todos... Isso naturalmente há de agradar-nos bastante. Mas não deveria alegrarmos mais do que se dissessem simplesmente: *parece Nosso Senhor*.

Girolamo Dal-Gal, o biógrafo oficial para a Postulação da canonização de São Pio X, relata como a vida desse grande pontífice foi deixando no seu rosto as experiências sacerdotais de um ministério que percorreu todos os escalões da hierarquia eclesiástica: de Capelão a Pároco; de Chanceler Episcopal a Bispo e Patriarca; de Cardeal de Veneza a Papa...

Cada etapa ia marcando os traços de Cristo no seu semblante. Depois de uma de suas primeiras audiências, o Ministro representante de Prússia, no corpo diplomático, falando com o Cardeal Merry del Val, perguntou: “O que tem esse Papa que, no primeiro relance, atrain

imediatamente com um fascínio tão irresistível?”. “O que tinha?”, pergunta o seu biógrafo. Ele responde: “Nos seus olhos suaves e perscrutadores tinha a força e o ardor de Cristo, o poder de ler em cada fisionomia e decifrar cada espírito, inclusive o mais complexo: tinha santidade; era verdadeiramente um homem de Deus”¹⁵.

Seria maravilhoso que, com a passagem dos anos, cada etapa da nossa vida de presbíteros fosse estampando no nosso rosto a compreensão, a misericórdia, a firme suavidade do rosto de Cristo.

A tomada de consciência íntima de sermos outros Cristos deverá comunicar-nos um júbilo inigualável; haverá de dar-nos uma paz e uma alegria tão grandes que nos sentiremos contentíssimos, sacrificando-nos para chegar a identificarmo-nos com Cristo. Nós, como Maria no *Magnificat*, ao vislumbrar em nós um lampejo do semblante de Jesus, poderíamos vir a exclaimar: *a minha alma exulta de alegria no meu Salvador* (Lc 1, 47).

15 Girolamo Dal-Gal. *Pio X El Papa Santo*. Editora Palabra, Madri, 1985, p. 121.